

## "Eles" e "Nós": o discurso directo sobre as figuras do crime

Carla Machado e Celina Manita

No contexto das investigações desenvolvidas pelo Observatório Permanente de Segurança do Porto, sobre os fenómenos da Criminalidade e da Insegurança Urbana, foi realizado pelas autoras um estudo sobre o Sentimento de Insegurança. Este estudo - que apresentámos já, de forma muito breve, em texto anteriormente publicado no *OlhareSeguros* (ano 2, nº 1, em Abril de 2000) - englobou, entre outras dimensões, os níveis de medo sentidos pela população do Porto, a análise da presença do crime e do seu impacto na interacção quotidiana dos cidadãos, a percepção que os portuenses têm da flutuação temporal e geográfica das taxas de crime, as estratégias defensivas utilizadas, as atribuições causais do crime e a configuração narrativa do sentimento de insegurança e do medo do crime.

É relativamente a esta última dimensão que nos propomos desenvolver alguns aspectos, salientando aqueles que dizem respeito a uma das variáveis fundamentais na organização narrativa que as pessoas fazem dos seus receios face ao crime: as **figuras** (ou os **agentes**) do crime. Os dados relativos a esta dimensão foram obtidos através da recolha de narrativas - uma das componentes da entrevista semi-estruturada utilizada no estudo - junto de 500 sujeitos, alguns dos quais aceitaram ser posteriormente recontactados para a realização de entrevistas em profundidade. Da análise qualitativa e quantitativa dos dados assim obtidos resultou, entre outros aspectos, a identificação de diferentes "grupos de medo" ou "perfis" de posição face ao crime e ao sentimento de insegurança por ele gerado, grupos estes que nos permitem aceder a uma melhor compreensão da forma como o medo é construído, gerido e combatido pelos sujeitos. Dois desses grupos adquirem natural destaque: aqueles que podemos considerar os "pólos extremos" da percepção do crime e do nível de medo sentido - isto é, o grupo dos sujeitos com (muito) medo e o grupo dos sujeitos (quase) sem medo. É destes dois grupos que trataremos neste texto, mais particularmente, das "figuras do crime" que referiram e da forma como as percebem.

É porque foi o testemunho dos habitantes do Porto que permitiu a realização deste estudo, é a esse testemunho que vamos regressar, apresentando de seguida extractos do discurso directo desses sujeitos.

### A. GRUPO COM MEDO

A figura do "drogado" é claramente a que mais ocupa o imaginário do perigo dos entrevistados: "desesperados podem fazer qualquer coisa... agredir, matar...", "eles tornam-se agressivos, com a necessidade da droga", "debaixo do efeito de drogas, por vezes fazem crimes incompreensíveis". Os toxicodependentes são caracterizados como "infelizes", "desgraçados", "coitados", "sem força interior", "sem vontade", "sem brio", "auto-destrutivos", "sem higiene", "loucos", enfim... "completamente diferentes" de nós.

Surgem, também, embora de forma dissimulada ("eu não tenho nada contra..."), extensas referências ao medo dos ciganos e, em alguns casos, dos africanos. O medo associado a estas figuras é frequentemente justificado através da retórica das diferenças culturais - "umas mentalidades tacanhas e maus hábitos", "regras de funcionamento muito próprias", "gente negra, com uns hábitos um bocado radicais", "são rebeldes, não são educados", "são diferentes de nós".

Os bairros sociais são concebidos como o espaço por excelência de concentração destas populações: "aquilo é um terceiro mundo", onde vivem "pessoas com menos cultura", "de países diferentes, maneiras de estar, posturas diferentes", "uma escola de demónios", "pode haver lá meia dúzia de pessoas boas, mas o resto são umas pestes autênticas". Aos bairros associam-se diversas metáforas: **sujidade** - "aquele bairro deve estar tão cheio de lixo e podridão que era só arrasar aquilo"; **escuridão** - "aquilo lá é uma obscuridade"; **promiscuidade** - "o pior é a promiscuidade que lá há pelo meio"; **desordem** - "aquilo é uma confusão", "toxicodependentes aos montes".

O medo parece, aliás, ser acentuado pela ideia da concentração espacial destes grupos nesses espaços: "a concentração nos bairros sociais de um determinado grupo, com vários problemas", "os pequenos ghettos, de hoje a amanhã, se não se tiver cuidado com esse tipo de pessoas, com a concentração dessas pessoas... de hoje para amanhã, não sei o que será de nós".

A análise dos descritores encontrados para caracterizar estes grupos (e os espaços que estes supostamente habitam) e o seu contraste com os adjectivos utilizados para fazer a auto-descrição dos entrevistados é uma clara evidência da forma

como este discurso inseguro se alimenta de antinomias traçadas entre "Nós" e os "Outros":

**"Nós":** somos amigos, sãos, dialogantes, frontais, leais, compreensivos, bons pais, conscientes, lúcidos, normais, encaramos os problemas de frente, não fazemos mal a ninguém, somos incapazes de matar, somos calmos, respeitadores dos outros, das regras e da autoridade, honestos, fiéis, honrados, higiénicos, educados, humildes, equilibrados nos gastos, trabalhadores, sacrificados, caridosos, com amor à vida e aos outros, obedientes.

**"Eles":** são incultos, recalcados, revoltados, infelizes, desgraçados, sem força interior, auto-destrutivos, fanáticos, agressivos, com instinto do mal, sem vontade própria, sem brio, porcos, diferentes, desesperados, nervosos, descontrolados, sem princípios, conflituosos, radicais, maus pais, mentirosos, com maus hábitos, com mentalidades tacanhas, pouco fiáveis, vivem na podridão, são pestes, promíscuos, farrapos humanos, corroídos por dentro e por fora, hormonalmente desregulados, sem capacidade de ser gente, soberbos, perigosos, com má fama, vivem em clãs, são arruaceiros, cruéis, cínicos, com passados obscuros e vidas escabrosas, são ambiciosos, invejosos, perdulários, atrevidos, vadios, maus, selvagens, rebeldes, mal-educados, horríveis, ásperos, brutos, mal-encarados, malucos.

Alguns destes atributos aparecem especialmente associados às outras etnias, especialmente aos ciganos (pouco fiáveis, mentirosos, formam clãs, agressivos, soberbos, maus pais), outros são ligados aos bairros sociais e à droga (incultos, drogados, vadios, vivem na podridão e na promiscuidade, em clãs), sendo que o drogado suscita atributos que são um misto de receio (agressivos, perigosos) e pena (auto-destrutivos, desesperados, desgraçados).

## B. GRUPO SEM MEDO

Quanto às figuras do crime, o que se torna mais claro no discurso deste grupo é o desvanecimento da figura do toxicodependente como protagonista. Não quer isto dizer que este grupo não conote os toxicodependentes com o crime. Mas o que acontece é, por um lado, uma muito menor

demonização - "o fumador de haxe não se mete com ninguém, apenas se refugia num canto, à espera que passe aquela boa onda", "um drogado é uma pessoa pacífica".

Assim, os sujeitos deste grupo parecem estabelecer diferentes perfis de figuras criminais, desde aquelas com as quais mais se identificam às que lhes merecem repulsa. Mais próximos dos próprios estão aqueles que cometem crimes por necessidade económica ou por "provocação", que "não nasceram para isso" e até são "impecáveis", "boa gente", "normais", "seres humanos como os outros", mas, "dependendo do contexto", "numa aflição", acabam por ficar "desesperados" e "perdem a cabeça". Curiosamente, também algumas figuras do mundo da droga, nomeadamente os consumidores de drogas mais leves, suscitam uma atitude de tolerância ou mesmo simpatia - "identifico-me com o fumador de haxe", "são passivos", "pacíficos". Esta torna-se em comiseração ("desgraçados", "com espírito fraco") ou mesmo desprezo ("desistiram de viver", são "decadentes") quando se fala dos consumidores dependentes.

Como seria de esperar, dada esta identificação parcial com o criminoso, estes sujeitos têm um discurso bem mais crítico em relação ao mundo social normativo do que o do grupo receoso - "a sociedade é sempre a culpada do crime" por "dar as pessoas ao desprezo", "criar pessoas à parte, que denomina como maus", "não dar condições"; "pergunto, é só o cigano que anda na droga?", "acho chato uma pessoa que me vem pedir uma moeda porque eu arrumei o carro, mas vejo isso como uma luta organizada por um estatuto social de trabalho", "há um problema de discriminação (dos toxicodependentes)".

A contrastação destes dois discursos permite-nos, através de exemplos extremos, melhor perceber algumas características centrais do fenómeno da insegurança, nomeadamente: (1) a sua centração na figura do toxicodependente e dos grupos étnicos minoritários, (2) a convergência imaginada destas figuras com os espaços marginalizados da cidade (o território dos bairros torna-se uma metáfora para as próprias figuras que o habitam), e (3) a dicotomização produzida pelo discurso inseguro entre "Nós" e "Eles", através da qual se delimitam, com fronteiras rígidas, os espaços, metafóricos e geográficos, do "Bem" e do "Mal". Da segurança e da insegurança.